

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# O POVOAMENTO NEOLÍTICO EM AVIS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS DISPONÍVEIS

Ana Cristina Ribeiro<sup>1</sup>

## RESUMO

O trabalho que se apresenta integra o projecto de investigação *Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis*. A recente identificação de locais com indícios de ocupação habitacional, permanente ou semipermanente, associados, de forma genérica, ao Neolítico Antigo abre uma nova perspectiva para o conhecimento das opções territoriais relacionadas com o povoamento pré-histórico. Com base nos dados disponíveis pretende-se apresentar uma primeira síntese interpretativa, suportada por uma avaliação preliminar desses resultados, contribuindo para uma leitura das estratégias de povoamento durante o Neolítico, em particular das etapas iniciais.

**Palavras-chave:** Avis, Prospecção, Neolítico, Sítios Arqueológicos.

## ABSTRACT

This text presents an summary of the pre-historic settlement of the municipality of Avis which results from the research project “Territory and spaces of death in Recent Prehistory. Contribution for a new reading of the megalithic settlement in the municipality of Avis”. The recent evidence for new sites with permanent or semipermanent occupation, associated generally, to the ancient Neolithic period, opens a new perspective for the study of the prehistoric settlement in this area. Based on the present available data and supported by a first evaluation of these results, a brief preliminary consideration is presented for the settlement strategies during the Neolithic period, in special for the initial stages.

**Keywords:** Avis, Prospecção, Neolithic, Archeological sites.

## 1. INTRODUÇÃO

A localização privilegiada de Avis, numa zona de transição, confere a este território uma riqueza e diversidade naturais que, desde cedo, determinaram a ocupação humana na região. A área em estudo constitui, assim, uma zona fundamental para a compreensão dos processos de relação inter-regional, sendo essencial determinar qual o seu papel e a sua importância nos eixos de circulação do interior, em particular durante a Pré-História.

Apesar das evidências de uma ocupação recuada (Ribeiro e Salvador, 2013), o facto é que os vestígios mais antigos não se encontram ainda suficientemente documentados.

Os indícios da presença humana tornam-se mais

representativos durante a Pré-História Recente, associados a conjunto considerável de monumentos megalíticos, referenciados na bibliografia desde o final do século XIX (Ribeiro, 2015, p.17-20). Os vestígios relacionáveis com contextos habitacionais afiguravam-se raros, associados a evidências avulsas, muitas vezes descontextualizadas.

Ao longo da última década foram documentadas diversas ocorrências que reflectem a diversidade arqueológica desta região. A elaboração da “Carta Arqueológica de Avis” (2005-2014) e, mais recentemente, a realização do projecto “Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis TEMPH” (2014 – em curso), vieram confirmar a existência de diversos locais com

---

1. Centro de Arqueologia de Avis; ana.ribeiro@cm-avis.pt

vestígios de ocupação pré-histórica, reveladores de um potencial arqueológico que até então permanecia desconhecido.

Embora as evidências registadas decorram exclusivamente de prospecções, a identificação de um conjunto considerável de vestígios de ocupação alterou, de forma determinante, a visão da distribuição das comunidades pré-históricas no território em estudo. A ocupação pré-histórica, até então associada aos monumentos megalíticos funerários, passa a incluir evidências de contextos habitacionais e arte rupestre (Ribeiro, no prelo/a), os quais permitem delinear novas abordagens relativamente ao povoamento pré-histórico local.

Os trabalhos realizados em 2016 revelaram-se significativos, não só pelo aumento expressivo de sítios com potencial arqueológico, associados à Pré-História, mas sobretudo pela tipologia e enquadramento cronológico de um conjunto considerável de evidências registadas. Contrariamente ao que sucedeu nas campanhas anteriores, em que a maioria dos vestígios correspondia a contextos funerários (*idem*, 2014), uma parte significativa dos locais identificados em 2016 apresentam indícios de ocupação habitacional relacionadas com os primeiros momentos de neolitização do território.

O conjunto de evidências registadas, e que constituem a base do presente artigo, estão concentradas na Ribeira de Seda, numa zona actualmente ocupada pela Albufeira do Maranhão e, conseqüentemente, submersa. A identificação dos vestígios decorreu de condições excepcionais que possibilitaram aceder às cotas mais baixas, onde ocorrem os testemunhos de ocupação, agrupados no que foi designado por Complexo do Pedrogão.

## 2. COMPLEXO DO PEDROGÃO: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO

Os vestígios de ocupação registados, alguns dos quais passíveis de classificar como povoado, encontram-se associados, de acordo com alguns indicadores recolhidos, a etapas iniciais do Neolítico.

As dificuldades na identificação em prospecção de testemunhos de ocupação nesta zona deve-se a um conjunto de factores, nomeadamente:

- à implantação em zonas baixas, submersas pela albufeira do Maranhão;
- à sedimentação recente, em particular dos locais mais planos ou com maior incidência de aflora-

mentos, onde se encontram geralmente os vestígios de ocupação pré-histórica;

- à ausência de estruturas construtivas;
- à baixa densidade de vestígios arqueológicos à superfície.

Constituído, neste momento, por 26 locais com potencial arqueológico, dos quais 19 correspondem a manchas de ocupação, claramente individualizadas, o Complexo do Pedrogão ocupa uma extensa área, correspondente a cerca de 1,5km, onde se registaram também diversas rochas gravadas e um monumento megalítico.

Os vestígios encontram-se distribuídos pelas margens da ribeira, verificando-se um vazio de testemunhos cuja causa poderá estar associada à construção, já no século XX, de uma ponte e à exploração de uma pedreira, possivelmente responsáveis pela destruição de áreas de interesse arqueológico.

A campanha de 2017, actualmente a decorrer, veio confirmar a existência de novas manchas de ocupação, cuja confirmação da extensão dos vestígios e respectiva integração cronológica e cultural depende, no entanto, da descida do nível de água da Albufeira. No entanto, e tendo em consideração recentes achados, tudo indica que o número de indícios da presença humana nesta área tenderá a aumentar.

Apesar da visão parcial dos testemunhos de ocupação nesta zona, as evidências reunidas revelam já características idênticas:

- Ocupam zonas baixas, sem condições naturais de defesa ou domínio visual;
- Encontram-se implantados em locais onde predominam solos com pouca aptidão agrícola, mas próximos de manchas de solos de boa qualidade;
- Os vestígios distribuem-se pela orla de granitos que ladeiam a ribeira, sendo notória a preferência por concentrações de rochas, preferencialmente individualizadas;
- Nos conjuntos artefactuais predominam os recipientes em cerâmica, ocorrendo, em número mais reduzido, utensílios líticos e subprodutos de talhe;
- Ausência de indicadores habitualmente associados a prática de agricultura, nomeadamente elementos de moagem e utensílios em pedra polida.

As evidências localizam-se, de um modo geral, em terrenos arenosos, de baixa altitude e relevo pouco acidentado, situados nas margens da ribeira de

Seda e na orla de afloramentos associados ao Maciço Eruptivo de Benavila.

Ao nível da aptidão dos solos, registaram-se algumas variações: na zona onde se verifica a maior concentração de vestígios predominam solos com qualidade, enquanto na margem oposta, o solo é predominantemente pobre, de classe C. Igualmente débeis são os solos associados aos locais situados a montante, predominantemente de classe D e E, salientando-se, no entanto, a ocorrência, na sua envolvente imediata, de pequenas manchas de elevada capacidade agrícola.

Os vestígios de ocupação pré-histórica distribuem-se pelas margens da ribeira e incluem, para além das evidências de zonas de habitat, concentradas sobretudo na margem esquerda, rochas gravadas com covinhas, isoladas ou agrupadas em painéis, e um monumento megalítico funerário, localizados na margem direita da ribeira.

As rochas gravadas confirmam a predominância das covinhas como o motivo mais frequente do conjunto identificado até ao momento (Ribeiro, no prelo/b). A sua relação com contextos funerários é uma vez mais afirmada pelos motivos associados à anta localizada nesta zona. Verificou-se, no entanto, o aumento do número de rochas associadas a contextos não funerários, em particular integradas nos perímetros de manchas de ocupação associadas ao Complexo do Pedrogão. Este enquadramento não tinha sido verificado nos trabalhos anteriores (Ribeiro, no prelo/b), pelo que esta relação vem reforçar o simbolismo multifacetado associado a estes motivos gravados.

O monumento megalítico, designado por Abessara 3, foi identificado em 2016 e encontra-se implantado na orla dos afloramentos graníticos, localizando-se no limite, aferido até ao momento, das manchas de ocupação. Corresponde a uma estrutura de dimensão média, construída em granito e com corredor. Da câmara conservam-se sete esteios tombados e a tampa caída. Do corredor persistem dois esteios tombados junto à entrada, e mais dois deslocados, um próximo do corredor e outro sobre o que resta da estrutura tumular.

Os esteios estão associados a uma concentração de pedras, predominantemente de pequena dimensão, mas onde se verifica a ocorrência de grandes blocos que estariam aparentemente integrados na estrutura tumular do monumento.

A câmara encontra-se muito danificada pelas raízes

da árvore que cresce no seu interior, estando igualmente sujeita a erosão fluvial, que colocou a descoberto alguns materiais, dos quais se destaca uma taça carenada com perfil completo, característica nos contextos integrados no 4.<sup>o</sup> e início do 3.<sup>o</sup> milénios a. C.. A utilização da anta integra-se, assim, numa fase mais tardia, sendo difícil de determinar qual a relação entre o monumento e os vestígios de ocupação registados na sua envolvente. Permanece, no entanto, por esclarecer se a sua construção/primeira utilização poderá ser mais antiga.

### 3. UMA ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS DISPONÍVEIS

A identificação de novos contextos relacionados com as etapas iniciais do Neolítico constitui um elemento determinante no estudo da ocupação pré-histórica deste território. Até 2016 não existiam dados inequívocos que pudessem ser relacionados com os primeiros momentos da neolitização. No sítio da Ladeira (Ribeiro, 2014-2015, p. 309-340) foi recolhido, em 2005, um fragmento de cerâmica com decoração em espiga, associado a um povoado de Neolítico Final, que indiciava uma cronologia mais recuada para o sítio, ou a persistência, já numa fase posterior, de padrões decorativos normalmente registados em contextos de Neolítico Antigo.

Esta ausência de vestígios deveu-se sobretudo à orientação das prospecções em áreas consideradas como de potencialidade, mas que se revelaram pouco ou nada prolíficas para o período em questão. Para além disso, os trabalhos realizados na última década vieram confirmar que uma parte significativa de locais, sobretudo pré-históricos, se encontram em zonas habitualmente submersas pela Albufeira do Maranhão, pelo que a sua identificação decorre, inevitavelmente, da existência ou não de condições de acesso ao actual leito da albufeira.

Com a descida acentuada do nível da água foi possível proceder a uma cobertura mais exaustiva de algumas zonas, em particular do Pedrogão, trabalho que, no entanto, ainda se encontra por completar. A visão parcial da dispersão dos vestígios obtida em 2016 não permitiu, devido à persistência do regolho, aferir, com o rigor necessário, a eventual extensão dos vestígios. Espera-se que os trabalhos actualmente em curso possibilitem concluir a cobertura desta zona.

Neste momento, os dados disponíveis não admitem

ainda a definição de um modelo elaborado do que terão sido as estratégias de ocupação do território adoptadas pelas primeiras comunidades neolíticas. Contudo, a distribuição dos locais que constituem o Complexo do Pedrogão e a presença de alguns indicadores neolíticos consentem um primeiro esboço do que poderia ser a estrutura económica durante as fases iniciais de neolitização nesta região.

As evidências sugerem pequenos núcleos de ocupação individualizados, não tendo sido possível aferir se de carácter permanente ou semipermanente, distribuídos de forma continuada por uma extensa área, alguns dos quais com poucos metros de distância. A confirmar-se a contemporaneidade destas manchas, indiciada pela proximidade e características de espólio recolhido, o complexo do Pedrogão poderá, assim, corresponder a um povoado aberto, sem defensabilidade e com grande extensão.

A presença de um número significativo de recipientes cerâmicos encontra-se associada a um modelo de ocupação que pressupõe a permanência destas comunidades. Do conjunto artefactual identificado as cerâmicas de produção manual são o elemento predominante, embora pouco representativas, uma vez que um número considerável dos fragmentos corresponde a paredes de recipientes. Os bordos são relativamente frequentes, mas a dimensão de alguns dos fragmentos dificulta a atribuição de forma. Os recipientes caracterizam-se, de uma forma geral, por pastas semi-compactas, com inclusões de pequeno e médio calibre. A maioria das superfícies apresenta-se lisa, embora tenha sido registada a ocorrência de um fragmento que evidencia vestígios de polimento.

As superfícies decoradas encontram-se também representadas: foram recolhidos exemplares com decoração penteada, criando motivos ondulados dispostos em bandas horizontais, decoração em espiga, e decoração combinada, com aplicação de motivos impressos sobre cordão plástico. A presença de recipientes com mamilos, localizados sob o bordo, encontra-se também documentada. Registaram-se ainda fragmentos com vestígios de engobe vermelho.

O conjunto de recipientes é constituído, de acordo com a análise prévia efectuada, por um conjunto diversificado de formas, abertas e fechadas, associadas sobretudo a recipientes de pequena e média dimensão, destinadas ao processamento e consumo de bens alimentares. As evidências de recipientes

volumosos, associados ao armazenamento de alimentos, são reduzidas.

As cerâmicas reunidas no Complexo do Pedrogão apresentam características tecnológicas e morfológicas semelhantes, reforçando, deste modo, a possibilidade de se tratarem de locais contemporâneos. O espólio recolhido inclui ainda, embora em menor número, exemplares de indústria de pedra lascada. O material mais frequente é o quartzito, matéria-prima local proveniente das cascalheiras que confinam com as manchas de ocupação identificadas nesta área, mas registaram-se também elementos em quartzo e quartzo hialino com vestígios de talhe. O sílex foi documentado em três dos locais identificados.

A presença de percutores é escassa, tendo-se recolhido apenas dois exemplares. Registou-se ainda um bloco pétreo associado ao talhe de pedra, sugerindo o recurso à percussão sobre bigorna.

A caracterização detalhada do conjunto lítico reunido será efectuada após a conclusão dos trabalhos de prospecção na zona do Pedrogão, sendo apresentada posteriormente.

É notória a ausência, até ao momento, de testemunhos da prática agrícola ou do processamento de espécies vegetais, selvagens ou cultivadas. Nos locais registados não foram identificados artefactos em pedra polida ou elementos de moagem, nem a ocorrência de um número expressivo de recipientes cerâmicos de dimensão volumosa, destinados ao armazenamento de alimentos.

A inexistência destes utensílios nos contextos registados sugere, enquanto indicadores de permanência, que estas comunidades não terão adoptado a agricultura como principal estratégia de subsistência.

A tendência registada nas estratégias de implantação associadas à fase inicial do Neolítico, confirmada no Complexo do Pedrogão e aflorada noutras áreas do concelho de Avis, revela a preferência por locais com características específicas. O povoamento estruturou-se em torno de linhas de água, preferencialmente em zonas que antecedem o seu alargamento, caracterizado geralmente pela pouca profundidade e áreas de alagamento mais amplas.

Esta localização deixa antever, não obstante a ausência de indicadores directos, um aproveitamento dos recursos naturais proporcionados por estes ambientes específicos, favoráveis à prática da caça, da pesca e do marisqueiro. O acesso privilegiado a estes recursos e o seu aproveitamento poderia ser complementado por outras actividades que justificariam

o aparecimento de acampamentos permanentes ou semipermanentes.

Neste contexto, e perante a ausência de indicadores da prática de uma agricultura arável, é concebível admitir a adopção da pastorícia e da horticultura como actividades complementares às actividades predadoras.

A adopção de um modelo em que a caça e a recolha continuavam a desempenhar um papel significativo em contextos onde ocorrem cerâmicas pressupõe uma certa mobilidade dos grupos dentro do território de exploração, o qual seria favorável aos contactos intergrupais, documentado, no caso do Complexo do Pedrogão pela presença de matérias-primas exógenas, como o sílex, ou pela adopção de novas técnicas, como a cerâmica.

Esta mobilidade, verificada em etapas posteriores já coevas das estruturas megalíticas, poderá associar-se a um modelo económico predominantemente pastoril, que estaria relacionado a locais de ocupação semipermanente/sazonal, com construções de carácter doméstico pouco complexas ou precíguas e situadas em diferentes locais de uma mesma área. Assim se explicaria o número reduzido de povoados pré-históricos, não obstante as limitações decorrentes das recolhas de superfície, assim como a ocupação e aproveitamento de zonas com menor aptidão agrícola (Ribeiro, no prelo/a).

Atendendo a que não é possível recolher em prospecção evidências fiáveis de exploração animal, fica por determinar se estes grupos do Pedrogão praticariam a pastorícia ou dedicavam-se exclusivamente às actividades predadoras. No entanto, a fraca representatividade da indústria lítica recolhida também não permite avaliar, nesta fase, se a caça representaria um papel determinante na economia destas comunidades.

Já no que diz respeito a horticultura, e apesar da ausência de testemunhos arqueológicos, as características da sua prática permitem enquadrá-las neste contexto.

Contrariamente à agricultura, cuja eficácia depende da extensão do solo cultivado, sendo, por isso, mais exigente ao nível da preparação do terreno e das técnicas associadas, a horticultura primitiva não requer solos lavrados, tendo a capacidade de produzir uma quantidade significativa de alimentos em espaços reduzidos e sem recurso a utensilagem específica.

Apesar de menos exigente, a horticultura implica um trabalho intensivo o qual só poderá ser efectiva-

do se houver uma fixação dos grupos que a praticam. Por constituírem práticas menos exigentes que a agricultura, a horticultura e a pastorícia seriam, por isso, admissíveis em contextos iniciais de manipulação de recursos, idênticos aos registados no Complexo do Pedrogão. A sua adopção permitia uma maior independência em relação aos recursos obtidos mediante as actividades predadoras. Este processo de ampliação da produtividade depende, no entanto, de uma estabilidade dos grupos, justificando, assim, a sua fixação a um território.

Os locais, como os que se encontram associados ao Complexo do Pedrogão, poderão integrar-se assim num momento de transição da relação entre as comunidades e o meio, em que a economia de produção começa a florescer, associada à introdução e ao desenvolvimento de novas práticas de manipulação dos recursos naturais, em particular da pastorícia e da horticultura, e de novas técnicas, como a cerâmica, que justificariam a permanência de comunidades. A ausência de indicadores de neolitização, em particular ligados à prática agrícola, em contextos onde predominam as cerâmicas, sugere que a adopção de novos elementos foi efectuada de acordo com as necessidades dos grupos, correspondendo a um processo de transição gradual de uma economia predadora para produtora.

A movimentação de grupos de caçadores recolectores e os territórios de circulação relativamente amplos teria contribuído para acentuar os contactos intergrupais, favorecendo a adopção gradual de elementos associados ao processo de neolitização, promovendo a fixação de comunidades e a transferência progressiva de caçadores para produtores.

Partindo deste pressuposto e considerando os dados disponíveis, a continuação dos trabalhos poderá vir a confirmar se o processo de neolitização foi realizado, de facto, com base num substracto populacional existente, possibilidade que pressupõe o prolongamento da ocupação humana do território desde o final do Paleolítico e para o qual os dados de análise são ainda insuficientes.

Apesar da insuficiência de informação para estes períodos mais recuados, é já perceptível a existência de uma continuidade de ocupação do território por comunidades humanas desde o Paleolítico (Ribeiro e Salvador, 2013, p. 135-139), que se torna mais evidente nas etapas iniciais do Neolítico e que se consolida com a construção de monumentos megalíticos (Ribeiro, no prelo/a). Esta ocupação humana

encontra-se claramente associada à diversidade natural e paisagística da região, favorável à disponibilidade de recursos e à circulação inter-regional.

Apesar de constituir um projecto de âmbito municipal, articulado com um amplo conjunto de acções desenvolvidas no domínio da Arqueologia, os resultados obtidos e a análise efectuada ao longo do projecto são reveladores, não só do potencial arqueológico da área em estudo, mas também da importância do desenvolvimento de trabalhos de forma continuada e da afirmação da investigação promovida a nível municipal.

Espera-se que a continuidade do projecto possa fornecer novos elementos que contribuam para a caracterização das etapas iniciais do Neolítico na área em estudo. Deste modo pretende-se que na campanha actualmente em curso seja possível concluir os trabalhos de prospecção na zona do Pedrogão e verificar a extensão e o enquadramento cronológico e cultural de vestígios identificados noutras áreas do concelho, em contextos geomorfológicos semelhantes.

Entre a planície e a serra,  
Junho 2017

## BIBLIOGRAFIA

DEUS, Manuela (2008) – O Neolítico Antigo do baixo curso do rio Sor: os sítios Bernardo 1 e Alminho 1 (Montargil, Ponte de Sor). *Promontoria: revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Faro: DHAPUA, ano 6, n.º 6, pp. 95-114.

DINIZ, Mariana (2000) – As comunidades Neolíticas no interior Alentejano: uma leitura cultural e cronológica. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica*. Porto: ADECAP, volume 3, pp. 23-33.

DINIZ, Mariana (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: IPA, Trabalhos de Arqueologia, n.º 48.

GONÇALVES, Victor (2006) – Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). In *Revista portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA volume 12, n.º 2, pp. 5-30.

GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina e MARCHAND, Grégor (2013) – *Na margem do grande rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana Médio*. Évora: EDIA e DRCALEN, Memórias d' Odiana, 2.ª série.

RIBEIRO, Ana (2014) – Apontamentos sobre o megalitismo funerário no concelho de Avis. *Revista Al-madan* (edi-

ção online), n.º 18, p. 75-88. Disponível em: [https://issuu.com/almadan/docs/maquetat18\\_2\\_online\\_completa](https://issuu.com/almadan/docs/maquetat18_2_online_completa).

RIBEIRO, Ana (2015) – Novos dados sobre o megalitismo funerário do concelho de Avis. *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. Évora: CHAIA, Universidade de Évora, pp. 17-33.

RIBEIRO, Ana (2014-2015) – Ladeira, 100 anos depois de José Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, Lisboa: MNA, série V, volume 4/5, pp. 309-340.

RIBEIRO, Ana (no prelo/a) – Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis. *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Serpa e Aroche, 24, 25 e 26 de Outubro de 2015*.

RIBEIRO, Ana (no prelo/b) – Arte rupestre no concelho de Avis. Análise preliminar da distribuição das gravuras rupestres no contexto do povoamento megalítico. *Actas do III Congresso sobre Arqueologia de Transição. Estratégias de povoamento, Évora, 28 a 30 de Abril de 2017*.

RIBEIRO, Ana e SALVADOR, Margarida (2013) – A Carta Arqueológica de Avis. Reflexões sobre o Paleolítico. *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 135-139.

ROCHA, Leonor (2015) – o Neolítico no Alentejo: novas reflexões. *O Neolítico em Portugal antes do horizonte 2020: perspectivas em debate. Monografias 2*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 109-118.

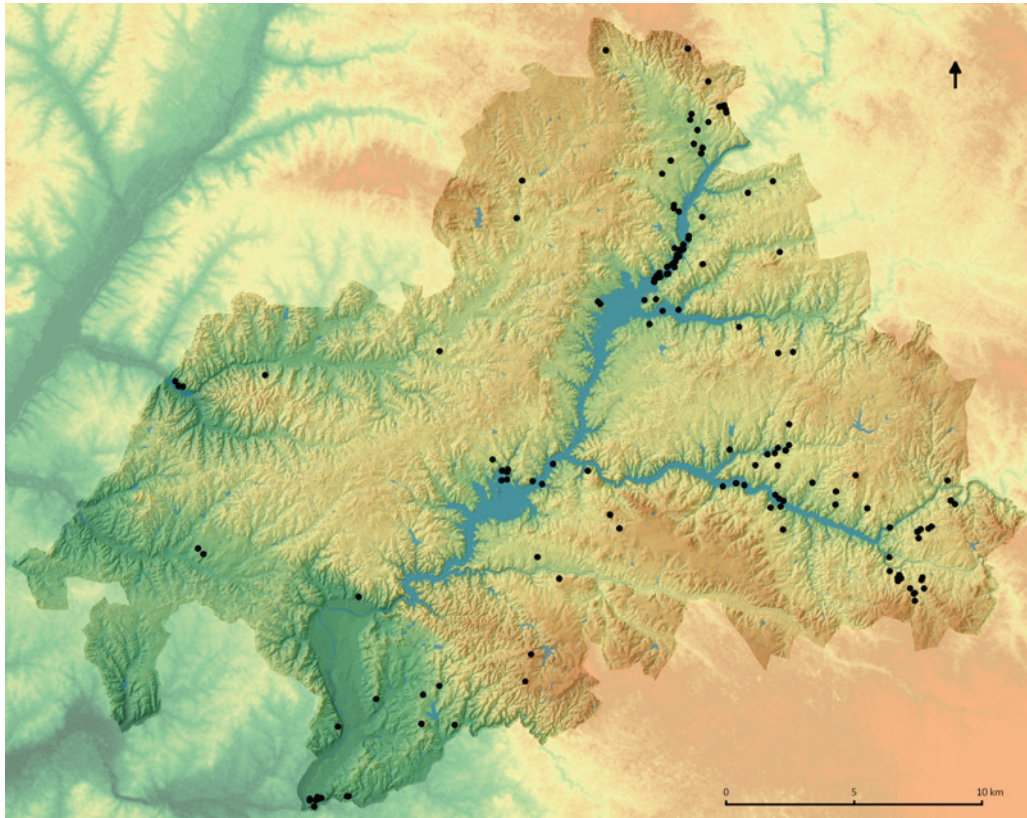


Figura 1 – Mapa síntese dos vestígios pré-históricos registados no concelho de Avis.

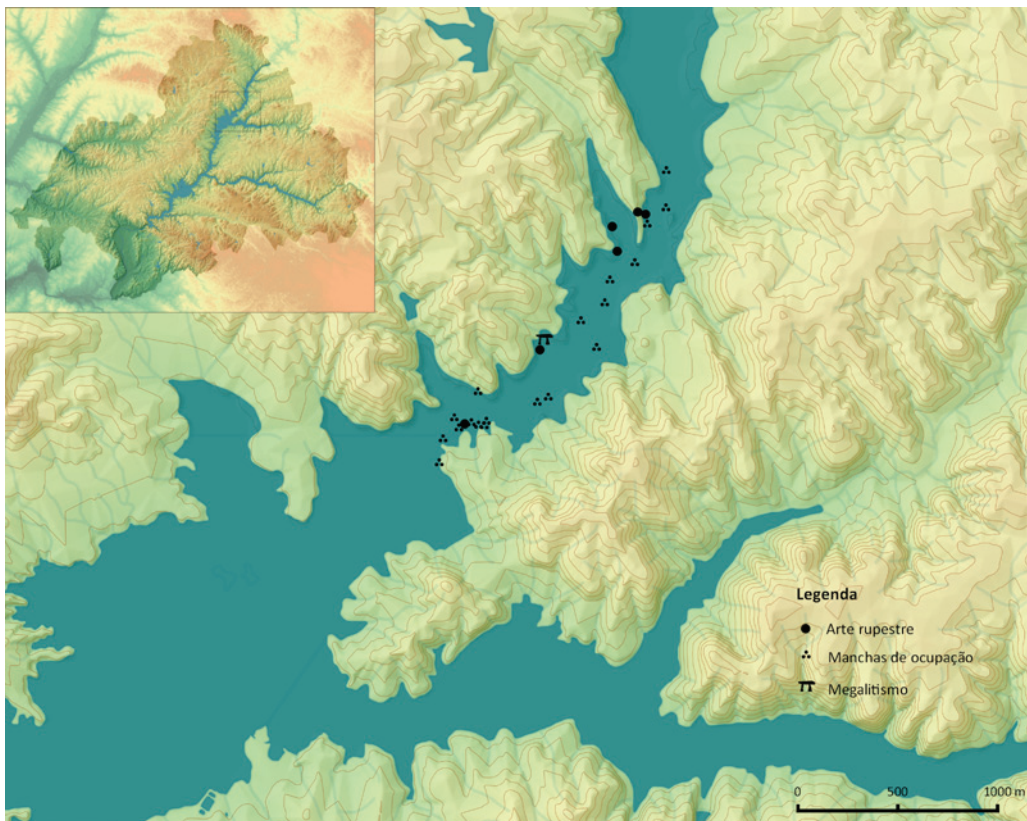


Figura 2 – Localização e distribuição dos sítios que integram o Complexo do Pedrogão.



---

Figura 3 – Vista parcial do Complexo do Pedrogão.



---

Figura 4 – Anta Abessara 3.



Figura 5 – Pormenor de uma das rochas gravadas associadas a uma mancha de ocupação.



Figura 6 – Fragmento de recipiente com decoração penteada.



Figura 7 – Fragmentos de recipiente decorados com motivo em espiga.

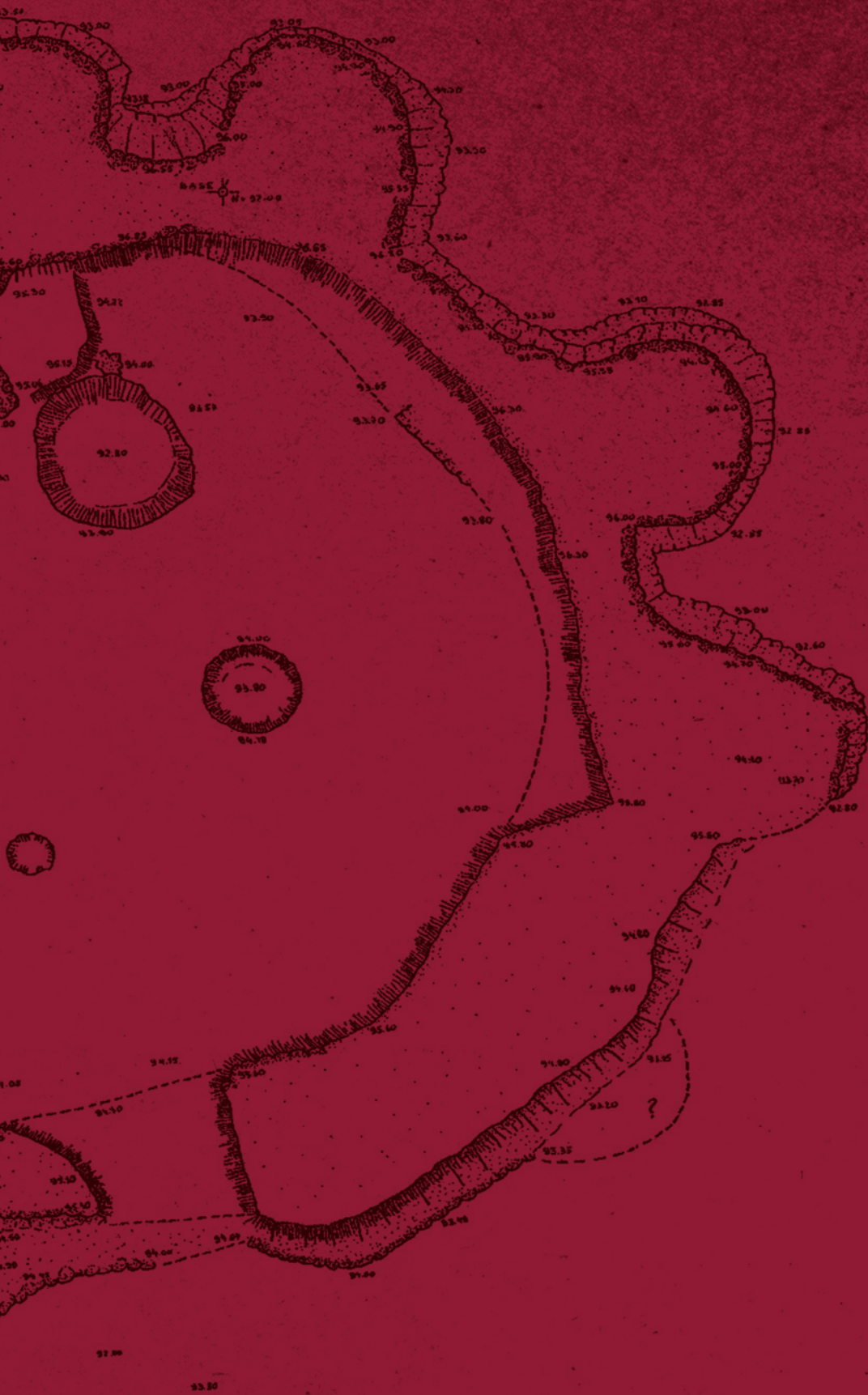


Figura 8 – Fragmento de recipiente com aplicação de motivos impressos sobre cordão plástico.



Figura 9 – Fragmentos de recipientes com aplicação de mamilos.





Patrocinador oficial